

MATO GROSSO: O ESTIGMA DA BARBÁRIE E A IDENTIDADE REGIONAL*

Lylia da Silva Guedes Galetti
Universidade Federal de Mato Grosso

Grandes sertões mínimas veredas. Licença poética à Guimarães Rosa, esta expressão resume as imagens do vasto interior brasileiro nas representações da identidade nacional, ao longo das primeiras décadas da República. Indistintamente chamadas de sertão, independente de sua localização geográfica, as regiões do interior do Brasil figuravam, então, como um contraponto às imagens de um litoral onde o Brasil vestia as cores do progresso e da civilização.

Nesta reflexão preliminar sobre a construção de uma identidade mato-grossense no período mencionado, o ponto de partida são alguns elementos dessa representação dicotômica do território brasileiro. Considerando que é no quadro de representações da nação e de sua base física que se constituem as imagens das distintas regiões do país, procurei explorar as dificuldades na elaboração de uma imagem positiva do território e da gente de Mato Grosso, no momento em que ser parte do sertão podia significar, entre tantas coisas, ser um espaço de barbárie.

* Esse texto, com pequenas modificações, foi apresentado na Comunicação Coordenada 'Identities mato-grossenses II', presidida pela prof. Nanci Leonzo (USP), no XVIII Congresso da ANPUH, em julho de 1995.

Os sertões: desertos de civilização, reservas de brasilidade

No início deste século, um fenômeno editorial inédito na história do livro no Brasil agitou os meios intelectuais da jovem república: a primeira edição do livro de Euclides da Cunha, *Os sertões*, lançada em dezembro de 1902 pela Editora Laemmert, vendeu todos os mil exemplares em apenas dois meses e meio, e rendeu uma segunda edição já em julho do ano seguinte.¹ O sucesso desta obra pode ser tomado como uma expressão da visibilidade que as vastas regiões do desconhecido interior brasileiro vinham adquirindo entre os chamados intérpretes do Brasil e de seu (restrito) público leitor, em especial no Rio de Janeiro e em São Paulo, centros da vida intelectual brasileira nesse período. Ancorados nessa plataforma litorânea, arejada pelos ventos provenientes da Europa, seu principal modelo de civilização, eles empreendem a aventura de pensar sobre os sertões, e inclusive de conhecê-los *in loco*, para incluir, no amplo debate sobre a construção da nação brasileira, esses lugares esquecidos de seu território.

Raça, meio e instituições compunham, então, um repertório básico de questões a partir das quais esses intelectuais — bacharéis, militares, engenheiros, médicos e funcionários públicos, entre outras categorias profissionais — refletiam sobre as possibilidades de construir a nação, a partir (e apesar) da mistura de raças, das determinações do meio tropical e de instituições políticas e sociais marcadas por uma pesada herança colonial. Desse modo, ao lado da questão racial, tema que apaixonava os círculos intelectuais nos primei-

1. Cf. Luis Costa Lima. *O controle do imaginário — razão e imaginário no Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 221.

ros anos da República,² inseria-se também, como questão relevante, o meio, de cujo estudo deveria emergir a radiografia das perspectivas de avanço do progresso civilizatório no extenso território do país.

Nas representações deste território, ufanismo e pessimismo combinavam-se, desenhando o mapa de um país cujos atributos naturais ora favoreciam a construção, no futuro, de uma grande e poderosa nação, ora pareciam condená-lo a submergir na barbárie, tais as dificuldades a enfrentar para fazer florescerem o progresso e a civilização num território gigantesco, cuja maior parte era ainda praticamente despovoada e desconhecida. No que respeita às vastas regiões do interior do país, as visões mais otimistas destacavam sua natureza exuberante, que uma vez explorada as transformaria em verdadeiros paraísos modernos, e a importância de sua população como portadora de manifestações culturais que expressavam, pelo isolamento em que se mantivera, longe de influências alienígenas, as mais autênticas tradições brasileiras.

Nas visões mais pessimistas, estes grandes 'sertões' eram vistos como lugares de barbárie, onde a natureza, praticamente intocada pelos motores da civilização (capital, técnica, meios de comunicação modernos e trabalhadores disciplinados, entre outros), submetia às suas forças primitivas uma população composta de índios selvagens, vistos quase sempre como um enorme obstáculo no caminho do progresso,

2. Cf. Renato Ortiz. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985; Thommas E. Skidmore. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; Lilia Schwarck. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Cia das Letras, 1993; Roberto Ventura. *Estilo tropical*. São Paulo: Cia das Letras, 1991. Um excelente panorama deste debate pode ser visto em Ana M. Medeiros Fonseca. *Das raças à família: um debate sobre a construção da nação*. Campinas: Unicamp, 1992, dissertação de mestrado.

e de mestiços tidos como indolentes e avessos à civilização. Essas características do mestiço eram a resultante, para muitos, das determinações de meio tropical aliadas à forte mistura de sangue negro, e principalmente índio, que permanecia praticamente inalterada devido ao insulamento destas populações no remoto interior do país.³

No noticiário publicado pelos principais jornais paulistas e cariocas, estas dúbias facetas do sertão não raro estavam presentes. Guerras 'sertanejas' como a de Canudos e Con-testado; as dificuldades e as vantagens da construção de obras 'civilizadoras' em lugares inóspitos, como as ferrovias Madeira-Mamoré e Noroeste do Brasil, e as linhas telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas; conflitos entre índios e 'civilizados'; campanhas de saneamento dos sertões, como as realizadas pela Fundação Oswaldo Cruz, faziam parte do noticiário desses jornais, misturando-se aos exaltados louvores às riquezas naturais e aos costumes genuinamente nacionais — verdadeiros tesouros do futuro e do passado —, que se escondiam nos remotos sertões do país. Ofereciam-se, assim, à curiosidade do público leitor cenas de costumes bárbaros protagonizados pelos selvagens e do cotidiano de populações sertanejas, miseráveis e doentes, alheias aos avanços do progresso e da civilização. Mas também, para o deleite desses mesmo leitores, delicados quadros do ambiente sertanejo, feito de caçadas, modinhas de viola cantadas à luz do luar, e de gente simples e primitiva que vivia feliz na paz infinita dos sertões.

3. Estas representações do território brasileiro, e particularmente dos sertões, estão disseminadas em várias obras de autores brasileiros no período em foco, com maior ou menor ênfase para os seus aspectos negativos ou positivos. Destacam-se aqui como obras mais representativas dessas duas visões, respectivamente, *Por que me ufano do meu país* (1900) de Affonso Celso, e *Os sertões* de Euclides da Cunha (1902).

Nestas representações, que oscilavam entre o trágico e o bucólico, os sertanejos tanto podiam viver em harmonia com o meio como a ele subjugados. Ora padecendo de seus males, ora usufruindo de seus frutos sem o menor esforço, tal como num paraíso perdido. Nas paisagens do sertão, desconhecidas e misteriosas, luxuriantes ou desérticas, mas sempre iguais na distância que as separava da civilização, podia-se encontrar, então, desde as mais autênticas tradições brasileiras até a expressão mais acabada de barbárie que envergonhava o país e o dividia em espaços-tempos distantes e inconciliáveis.

A visibilidade dos sertões, também presente na literatura e na história do período,⁴ trazia para o centro do debate sobre a construção da nação a percepção de uma perigosa distância entre dois brasis — o real e o legal — e reforçava as oposições entre atrasado e moderno, litoral e sertão, barbárie e civilização que davam a tônica das representações do território nacional. Em contrapartida, esta percepção impulsionava inúmeros projetos voltados para a superação dessa distância, como a construção de ferrovias e linhas telegráficas ligando os mais distantes pontos do país, a criação de agências voltadas para o incentivo à colonização, entrada

4. O sertão é um tema caro à literatura regionalista do período pré-modernista. Entre as obras de maior projeção neste período destacam-se as de Afonso Arinos, *Pelo sertão*, de 1898, e *O contratador de diamantes*, obra póstuma publicada em 1917. Sobre o regionalismo na literatura pré-modernista ver Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1992. Na história destaca-se a obra de Capistrano de Abreu, *Capítulos de história colonial* (1907), na qual o autor dedica um capítulo especialmente ao sertão. Como informa José Honório Rodrigues, Capistrano perseguia o ideal de uma história sertaneja, argumentando que a história nacional deveria abandonar a excessiva dedicação ao litoral e aprofundar-se no estudo dessas regiões. Ver a introdução de Rodrigues em João Capistrano de Abreu. *Capítulos de história colonial: 1500-1800 e Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

de imigrantes, localização dos trabalhadores nacionais e 'civilização dos indígenas', entre outros.

Este conjunto de representações sobre as desigualdades existentes no território brasileiro, aqui *grosso modo* resumidas, embora integrasse os horizontes mentais das elites brasileiras desde o Império,⁵ ganha amplitude e profundidade a partir da emergência do regime republicano. Indissociáveis das transformações por que vinha passando a sociedade brasileira, decorrentes da veloz expansão das relações capitalistas e da plena constituição de um mercado mundial, estas representações harmonizavam-se perfeitamente com o projeto republicano, profundamente marcado pelo ideário progressista. Adequavam-se, ainda, aos esforços de legitimação do novo regime, cuja identidade se constituía em oposição ao passado monárquico, tido como retrógrado e caracterizado pela permanência de fortes traços coloniais. Cabia à República construir um novo tempo, modernizando as

-
5. A dicotomia entre litoral—civilização e sertão—barbárie, vista como um obstáculo a ser superado na construção da nação, já estava fortemente presente nas representações da sociedade brasileira, elaboradas pelos dirigentes imperiais. Nelas, a barbárie dos sertões (em especial nas províncias mais despovoadas e com maiores dificuldades de comunicação com o litoral, como era o caso de Goiás e Mato Grosso) se devia à falta de comunicação com as regiões civilizadas (do país e do exterior) e à ausência de uma agricultura de gêneros para a exportação, vista como a fonte da civilização (cf. Ilmar Rohloff de Mattos. *O tempo Saquarema*. São Paulo/Brasília, Hucitec/INL, 1987). As palavras do ministro da Justiça, Paulino José de Souza Santos, sobre os habitantes do sertão, em seu relatório de 1841, são exemplares neste sentido e se tornaram recorrentes em boa parte da literatura sobre Mato Grosso: "Essa população que não participa dos poucos benefícios de nossa nascente civilização, falta de qualquer instrução moral e religiosa (...), imbuída de idéias perigosas de uma mal-entendida liberdade, desconhece a força das leis e zomba da fraqueza das autoridades (...). Constitui ela, assim, uma parte distinta da sociedade do nosso litoral e de muitas de nossas povoações e distritos, por costumes bárbaros, por atos de ferocidade, e crimes horríveis se caracteriza." (Apud Mattos, op. cit., p. 34.)

instituições políticas, a economia e a sociedade nacionais de modo a equiparar o Brasil aos avanços do progresso e da civilização exibidos por outras nações. Para a efetivação de tal projeto tornava-se fundamental 'homogeneizar' o país e diminuir as distâncias espaciais, econômicas e sociais que [o] dividiam e [o] tornavam tão desigual.⁶

É preciso levar em conta, ainda, que as transformações econômicas e sociais decorrentes da expansão e modernização da economia cafeeira, embora concentradas praticamente nos Estados do Centro-Sul, repercutiram sobre as demais regiões do país, senão transformando drasticamente o seu espaço produtivo e as relações de trabalho aí vigentes, pelo menos introduzindo modificações significativas em suas economias e, no mínimo, interferindo nos desejos, sonhos e projeções de alcançar, no futuro, o progresso que viam desenhar-se alhures. Desse modo, ferrovias, urbanização, industrialização, telégrafos, imigração estrangeira são temas e realidades reveladoras da modernidade vivenciada pelo Centro-Sul do país e, em especial, por São Paulo, que, por contraste, tornavam mais evidente o atraso do sertão, excitando não só a imaginação dos que o viam de fora, mas também a de seus habitantes.

Importa destacar neste quadro de que maneira, em uma região como Mato Grosso, localizada no centro do território nacional, com enormes dificuldades de comunicação com os centros mais desenvolvidos do país, as representações de que falamos repercutem sobre a percepção dos mato-grossenses acerca do seu espaço social e de que modo interferem sobre as representações da identidade regional.

6. Maria Inês Malta Castro. *O preço do progresso: a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil*. Campinas: Unicamp, 1992, dissertação de mestrado, p. 87.

A difícil identidade no espaço do sertão

As representações de Mato Grosso como um protótipo do sertão são recorrentes, nos vários escritos sobre a região, durante todo o período imperial. Distante e desconhecida, sem meios de comunicação eficazes com o litoral e mesmo com as províncias mais próximas, a província era identificada pela negatividade: não possuía uma atividade produtiva de peso capaz de prover suas necessidades (do abastecimento de gêneros alimentícios à defesa de suas fronteiras), não possuía vias de comunicação que encurtassem as imensas distâncias que a separavam do litoral civilizado, carecia de braços para o trabalho e de investimentos de capitais para explorar suas riquezas naturais. Em seu enorme território, distribuía-se irregularmente uma escassa população, na qual predominavam os índios 'selvagens' e caboclos 'indolentes', mal se sobressaindo entre eles uma diminuta classe proprietária, quase sempre identificada como carente de espírito empreendedor.⁷

Em contrapartida, era também um espaço de abundância. Em seu território jaziam inesgotáveis riquezas naturais (solo 'ubérrimo', subsolo rico em minerais nobres, infindáveis matas e florestas repletas de espécies passíveis de comercialização), e sua geografia adequava-se perfeitamente a empreendimentos os mais diversos, com suas inúmeras vias navegáveis

7. "...enquanto novos braços e novos capitais, que costumam trazer as empresas férreas, não vierem tirá-la deste estado apático, reanimando sua população ociosa, sem iniciativa, sem estímulos para o trabalho, e sem forças para empreender o aproveitamento das imensas riquezas que por toda parte desafiam a ambição do homem (...) as esperanças de progresso firme e duradouro não passarão de uma utopia..." *Relatório do presidente da província, Francisco J. Cardoso Jr.* 1878, p. 38.

e um relevo fácil de ser transposto por ferrovias e rodovias.⁸ O futuro de progresso e civilização sonhado para Mato Grosso, essa “gigantesca opulência do devir”,⁹ dependia, entretanto, da exploração dessas riquezas, o que, para muitos, em razão das características da população nativa, só seria possível com o concurso de imigrantes estrangeiros, preferencialmente europeus, de capitais e de modernos meios de comunicação, como as ferrovias.¹⁰

Esta consciência das distâncias geográfica, econômica e cultural que separavam Mato Grosso de regiões mais ‘civilizadas’, fossem localizadas no Brasil ou em outros países, especialmente europeus, não era exclusiva de estrangeiros ou brasileiros de outras regiões. Fazia parte também dos horizontes mentais de parcela significativa das elites locais, que quase sempre atribuíam tais distâncias à ausência de meios de comunicação eficazes com o litoral, ao descaso a que a região havia sido relegada pelo governo central, à ‘falta de braços’ para o trabalho, e à ‘indolência’ da população nativa. Desse

-
8. Cardoso Júnior chegou a comparar Mato Grosso a “um gigante colossal que, perdidas as forças vitais (...) está prestes a tombar num abismo de riquezas!” Idem, p. 39. Ver também Lylia da Silva Guedes Galetti. *As representações sobre a fronteira no movimento de ocupação e colonização de Mato Grosso — sécs. XIX-XX*. Cuiabá, mimeo., 1991.
9. João Severino da Fonseca. *Viagem ao redor do Brasil: 1875-1878*. Rio de Janeiro: Biblioteca de Exército, 1986, p. 170. Ver também Karl von den Steinen. *O Brasil Central*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1942.
10. Esta opinião era unânime entre os estrangeiros que estiveram em Mato Grosso no período e também, com raras exceções, entre os brasileiros. Segundo um português que residiu catorze anos em Cuiabá: “...se os estrangeiros (...) não vierem arrancar do abandono esses tesouros quase fabulosos, ficarão estes para sempre sepultados no esquecimento...”. Joaquim Ferreira Moutinho. *Notícia sobre a Província de Matto Grosso, seguida d'um roteiro da viagem da sua capital a São Paulo*. São Paulo: Typographia de Henrique Schroeder, 1869.

modo, pode-se dizer que, pelo menos até o início da República, não há indícios mais fortes no sentido de que esta elite tenha se sentido incomodada com as apreciações negativas sobre o seu espaço social. Pelo contrário. Para alguns, estas apreciações eram tão pertinentes que, proclamada a República, houve quem advogasse a incapacidade de a província constituir-se em um Estado da federação.¹¹

Entretanto, o aprofundamento das desigualdades regionais no território brasileiro, mais evidente entrado o século XX, acentua a percepção de que constituíam um obstáculo no caminho do progresso e parece ter levado, também, a uma ênfase maior sobre os aspectos negativos que compunham as imagens do sertão. É o que se pode observar, no caso de Mato Grosso, nos livros, relatórios e em escritos variados elaborados por geógrafos, militares e autoridades brasileiras que mais recentemente haviam percorrido a região. Apesar das ambigüidades, estes relatos parecem ter perdido, em parte, o tom maravilhado de descoberta do paraíso perdido diante das riquezas da natureza local, e o tom, até certo ponto condescendente, com que apreciavam os 'incivilizados' costumes locais que, apesar de criticados, não deixavam de ter o encanto do 'folclórico'. Nesta produção mais recente, prevalece não só o tom de denúncia do atraso econômico,

11. Esta era a opinião da Baronesa de Villa-Maria, para quem os paulistas deveriam continuar a obra civilizadora iniciada pelos bandeirantes e anexar Mato Grosso ao Estado de São Paulo. Neste sentido, fez um apelo veemente ao presidente da República, Deodoro da Fonseca, no qual apresenta um quadro alarmante da situação mato-grossense (corrupção, analfabetismo, violência política, abandono das riquezas etc). "Nós Matto Grossenses, afirma, infelizmente só temos um vasto e extenso território a desbravar e povoar, é um vasto deserto e um extenso sertão e nada mais. Como constituir Estado? Não será um contra-senso?" Baronesa de Villa-Maria. *A extincta provincia de Matto Grosso poderá por si só constituir-se Estado?* Rio de Janeiro, s/ed., 1890.

mas também político e cultural que caracterizava esta parte do interior do Brasil. Assim, as descrições da natureza e dos 'nativos' da região, bem como de fatos de sua história, ganharam uma apreciação mais 'científica', não só para explicar este atraso, como também para fundamentar as propostas tendo em vista sua superação.¹²

Além disso, a situação política em Mato Grosso, convulsionado por violentos conflitos armados entre as facções das elites locais, uma constante na primeira década republicana — justo num momento em que o novo regime se apresentava como sinônimo de modernidade no plano das instituições políticas —, repercutia no Congresso Federal e nas páginas dos principais jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, favorecendo apreciações ainda mais negativas sobre a região. As 'revoluções' protagonizadas pelas elites mato-grossenses, entre 1889 e 1906, para exemplificar, já haviam somado dezenas de mortes violentas, chacinas como a da baía do Garcez, linchamentos e o assassinato de um presidente do Estado. Nesse contexto, às costumeiras referências ao atraso econômico da região e às suas fantásticas possibilidades de futuro somavam-se, então, as de um Mato Grosso perigosamente incivilizado, e sua elite política passava a ser vista, explicitamente, como portadora de qualidades raciais indesejáveis, de certa forma igualando-se aos índios e bugres

12. Ver, entre outros, Dantas Barreto. *Expedição a Mato Grosso. A revolução de 1906*. Rio de Janeiro: São Paulo, Laemmert & Cia. Editores, 1907; A. Marques. *Matto-Grosso: seus recursos naturais, seu futuro econômico*. Rio de Janeiro: Papelaria Americana, 1923. Antônio Carlos. Simoens da Silva. *Cartas Mato-grossenses*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1927; Anibal Amorim. *Viagens pelo Brasil — do Rio ao Acre, aspectos da Amazônia do Rio a Matto Grosso*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1917.

que habitavam o seu território.¹³ A série de artigos publicados no *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro, por um militar de alta patente enviado à Mato Grosso em 1906 é exemplar neste sentido:

Impulsionados pela hereditariedade do sentimento feroz com que os seus maiores assinalaram uma fase de terror e morticínio na então província distante [referência à Rusga, rebelião do período regencial], os homens dessa região quase bravia perdem a noção da tolerância social que os devia prender a outros homens, apenas denominados por uma idéa que não definem mas que os arrasta para o crime partidário, hediondo, como se vivessem felizes desse gozo infernal.¹⁴

Esse quadro explica, em parte, o fato de que, já na primeira década deste século, os mato-grossenses manifestaram significativa preocupação e desagrado em relação às apreciações negativas que se faziam acerca do Estado, embora muitas vezes, como no exemplo abaixo, também atribuíssem tais apreciações à situação política local:

Há, pesa-nos bastante dizê-lo, no estrangeiro e mesmo em nosso país, uma completa desconfiança nas coisas do nosso Estado, cuja paz vive à mercê dos chefes políticos... O conceito que vem sendo dispensado ao nosso Estado é, infelizmente, bastante desabonador para nós. E agora que essa fama correu tão longe, mais célebre

13. Esta idéa foi explicitamente formulada por Capistrano de Abreu: "... a gente de Cuiabá tinha certa semelhança com os mineiros no aspecto; dormitava porém nela um gênio sanguinário, talvez apreendido com os guaicurus, que se revelara estrepitosamente na era regencial; e com mais freqüência se tem manifestado depois de proclamada a República". João Capistrano de Abreu, op. cit., p. 191.

14. Dantas Barreto, op. cit., p. 4. O conteúdo deste livro corresponde à série de artigos publicados no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, entre 20 e 29 de maio de 1907.

mesmo do que a de nossas imensas riquezas naturais e da benignidade do nosso clima, aos que governam deveria haver cuidado, sobriedade na administração...¹⁵

Este tom consternado, diante do 'conceito' dispensado a Mato Grosso, bastante comum nos jornais cuiabanos, denuncia a dificuldade dos mato-grossenses no sentido de contrapor-se ao conjunto das imagens que se fazia do Estado fora de suas fronteiras. Dificuldade que resultava, em parte, do modo como representavam, para si próprios, o seu espaço social, isto é, a partir dos mesmos parâmetros culturais no interior dos quais se constituíam as representações dos que o viam de fora. De fato, parte significativa dos intelectuais que animavam a vida cultural da capital mato-grossense — editando jornais e revistas, e promovendo conferências em que eram debatidos os problemas do Estado, e participando ativamente de sua vida política — havia cursado faculdades do Rio de Janeiro e de São Paulo, e tinha não só uma vivência das diferenças que separavam o Mato Grosso desses Estados, cujas capitais viviam um intenso processo de modernização, como também um contato direto com o ideário progressista, fortemente influenciado pelo positivismo e o evolucionismo, correntes de pensamento que davam a tônica do debate intelectual de então.¹⁶

Divididos entre suas crenças intelectuais e os sentimentos de pertencimento à 'terra natal', estes indivíduos pareciam

15. *Jornal O Comércio*. Cuiabá, 01-07-1911, p. 1.

16. Não por acaso, os artigos publicados em jornais e revistas editados em Cuiabá, e outras manifestações destes intelectuais, estão repletos de referências às mais diversas obras de seus pares do 'litoral civilizado' e, inclusive, dos autores estrangeiros em que se inspiravam. Comte, Taine, Renan, Darwin, entre os estrangeiros, Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, entre os nacionais, são presença constante na produção destes intelectuais.

viver um doloroso dilema. De um lado, pela lógica que resultava da adoção de idéias evolucionistas, positivistas e racistas, deviam encarar como um fato plenamente estabelecido o estágio atrasado em que se encontrava Mato Grosso na escala evolutiva do progresso e da civilização. De outro, a aceitação deste 'fato' sem questionamento — até que se cumprissem os prognósticos do esplendoroso futuro imaginado para a região — punha esses indivíduos numa situação profundamente incômoda, na medida em que os reduzia à mesma condição dos 'bugres' incivilizados e ignorantes, denegando a existência de um grupo diferenciado — homens cultos do sertão —, que se via como um baluarte dos valores da civilização nos grandes sertões do Oeste brasileiro.

Nos jornais e revistas editados em Cuiabá neste período, não raro se pode encontrar sinais desse dilema, traduzido numa espécie de mal-estar cultural provocado pela dolorosa consciência de viver num lugar atrasado, distante dos avanços da civilização, e ainda por cima estigmatizado como bárbaro e violento. Um exemplo bastante expressivo desse mal-estar é a matéria publicada em um periódico local sob o título 'Conversa fiada', em que o articulista mostra o seu descrédito com relação ao futuro de Mato Grosso. Invocando suas inesgotáveis riquezas naturais, apresentadas a todo o Brasil na Exposição Nacional de 1908, realizada em São Paulo, lamenta o desconhecimento que continuava a existir sobre a região depois deste evento, e denuncia o desânimo que acometia os mato-grossenses cansados de esperar que *as vistas da União* se voltassem para *esse extenso e exuberante pedaço do solo brasileiro*:

A esperança de vermos nosso Estado caminhar pela senda do progresso, já, de há muito, vai-se perdendo na sombra da desilusão. Mato Grosso continua desconhecido do resto do Brasil. (...) Cuiabá, Corumbá, Cáceres (...) são tidas como cidades em cujas ruas existem es-

peços matagais e onde, em pleno dia, vêem-se onças e veados, cobras e animais de toda espécie, e assim como bugres no meio das ruas derrubando transeuntes com suas flechas envenenadas... Vejam só o que pensam de nós?!¹⁷

Entre assombrada e constrangida, a expressão “vejam só o que pensam de nós” introduz, no texto acima, a carta enviada de São Paulo por um cuiabano, em que este demonstrava o mesmo assombro e uma ponta de indignação ao relatar o que *o resto do Brasil idealizava de Mato Grosso e Cuiabá*:

Não imaginas o quanto nossa terra é desconhecida... Dar-se aqui por mato-grossense é arriscar-se até a passar por uma entidade fora do vulgar, alguma coisa que transcende os limites do natural e que requer três pontos de exclamação bem lançados depois de seu nome... Um respeitável burguês me perguntou se de fato existia em Mato Grosso gente civilizada, e, de resto, não é raro a qualquer um que me reconhece por mato-grossense dizer de boca aberta e olhos esgazeados: - E o senhor veio de Mato Grosso aqui! Já é coragem!!! De sorte que, como vês, Mato Grosso aqui é mais desconhecido do que o centro da Tasmânia! Vejam só isto! E em lugar de fazermos propaganda a nosso favor, apontando as riquezas do subsolo, a uberdade de nossas terras, a beleza de nossas selvas, o saudável de nosso clima, vivemos a fazer política. Não! Precisamos mudar de rumo, ao governo cabe dar o exemplo, aproveitando as aptidões de seus conterrâneos, onde quer que elas existam, adversários ou não. Chega de atraso. Bugres, bugres não somos, mas é bem possível que cheguemos a ser. É preciso reação. Mudemos de rumo, sejamos unidos.¹⁸

17. Jornal *O Comércio*. Cuiabá, 21-04-1910, p. 4.

18. Idem, p. 4.

Essa consciência do atraso de Mato Grosso era aguçada pela visão que os próprios mato-grossenses expressavam acerca da situação do Estado quando confrontada com o grau de progresso e civilização que vinha sendo atingido por outras unidades da federação:

Grande e opulento é o futuro que nos espera. Mato Grosso é a circunscrição deste Brasil que, pelos ricos e insondáveis tesouros do seu prodigioso solo, pela riqueza dos seus inúmeros rios, pela amplidão de suas formosas campinas do Sul, pela abundância de vegetais utilíssimos na zona do norte e outros fatores sem conta que o elevam à primazia entre os mais ricos Estados da União, está fadada, por isso mesmo, em época mais ou menos remota, a um progresso e riqueza incalculáveis. Ver os demais Estados da União, cheios de vida, na febre do progresso, avançar resolutamente para o ideal supremo das nações — a conquista do progresso e da civilização —, enquanto nós mato-grossenses conservamo-nos indiferentes a tudo quanto vai lá fora de lutas e empreendimentos audazes pelo progresso, é impatriotismo, é cegueira.¹⁹

Se a comparação com os demais Estados, sobretudo com os do Centro-Sul do país, patenteava o atraso de Mato Grosso, servia, em compensação, para projetar-lhe um futuro semelhante, cuja realização dependeria não só da união dos mato-grossenses em torno dos interesses do Estado, mas também de uma intensa propaganda das riquezas de seu território como forma de atrair os elementos que haviam propiciado o progresso daqueles Estados: imigrantes e investimentos estrangeiros.²⁰

19. *Jornal O Comércio*, 10-03-1910, p.3.

20. É importante destacar que o atraso de Mato Grosso não era visto apenas em seu aspecto material, mas também no aspecto do que denominavam "progresso moral". Neste campo, a situação também era considerada crítica,

Não é preciso exagerar o valor e a importância desse fato [imigração estrangeira]. Basta citar os exemplos de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e tantos outros, onde os braços de colonos estrangeiros vêm aumentar a produção, fazendo mesmo concorrência aos produtos iguais (...) de outros países. E enquanto esses Estados progredem, acompanhando a evolução da velha e culta Europa, Mato Grosso continua no *status quo*, importando por preços fabulosos toda a classe de produtos que o seu invejável solo poderia produzir em abundância. É preciso que se faça propaganda inteligente e contínua sobre o clima, as terras, os meios naturais e a posição geográfica do Estado, a fim de torná-lo conhecido dentro e fora do país, atraindo assim capitais e braços de que ainda carece.²¹

Entretanto, a urgência e a constância com que, entrado o século XX, os mato-grossenses letrados passam a considerar, com evidente preocupação, o espectro de uma identidade estigmatizada pela barbárie não se deviam apenas ao mal-estar cultural provocado pela consciência das distâncias de todo

mesmo quando a comparação era feita com um Estado como Goiás, cuja imagem de sertão assemelhava-se bastante à de Mato Grosso. Acusando o recebimento do "Anuário de Goiás", em 1910, um articulista de um jornal cuiabano lamenta: "Quiséssemos estabelecer um confronto entre Mato Grosso e Goiás, lançando mão dos próprios dados que o anuário nos oferece, a vantagem não estaria certamente do nosso lado, para tanto bastaria que apontássemos um único fato - a existência e a manutenção por quase um século do Grêmio Literário Goiano...". (Jornal *O Comércio*. Cuiabá, 14 -07-1910, p. 2)

21. Idem, 14-04-1910, p. 1. A entrada de imigrantes estrangeiros era vista também em Mato Grosso como um fator decisivo para melhorar as qualidades raciais de sua população. Em 1919, quando um novo projeto de ferrovia entre São Paulo e Cuiabá estava sendo cogitado pelo governo do Estado, podia-se ler num um jornal local: "Uma transformação radical vai-se operar no nosso organismo político e social, e o sangue novo do imigrante virá em socorro de nossa raça que se degenera pela falta de cruzamento. Jornal *O Mato-Grosso*. Cuiabá, 08 - 08 - 1919, p. 02.

tipo que separavam Mato Grosso da tão sonhada civilização. Um outro aspecto fundamental a ser considerado era a consciência, ainda mais dolorosa, de que tais distâncias começavam a se tornar uma realidade no interior do próprio Estado. De acordo com esta percepção, o futuro de progresso — que viria com a chegada de ferrovias, imigração estrangeira, capitais e com a exploração dos recursos naturais, entre outros — parecia comprometido, uma vez que estes elementos tendiam a se concentrar na região sul do Estado, deixando a região norte cada vez mais longe do ideal de civilização que acentavam.

Vinculada ao processo mais amplo de desenvolvimento do capitalismo no Centro-Sul do país, a diferenciação entre as regiões norte e sul de Mato Grosso, processo que se inicia de fato após a guerra com o Paraguai, vinha se acentuando num ritmo relativamente rápido, desde o início deste século. Já nos primeiros anos após a guerra, a reabertura da navegação do rio Paraguai (1872) proporcionou um expressivo reativamento do comércio importador e exportador da província, beneficiando sobretudo a região de Corumbá, cujo porto se tornou o principal entreposto comercial do Estado.

O desenvolvimento comercial e urbano deste município, onde se concentrou a maior parte das grandes casas comerciais, representantes de firmas estrangeiras, que estabeleciam a ligação de Mato Grosso com os mercados platinos e europeus, atraiu um expressivo contingente populacional, permitindo o surgimento de novos personagens na sociedade matogrossense. Entre estes destacam-se grandes comerciantes e proprietários de terra cujo prestígio local os transformaria nos novos 'coronéis' sulistas — aos quais se aliaram membros da elite nortista que detinham interesses políticos e comerciais na região sul do Estado — que cedo passariam a questionar o domínio do poder local, tradicionalismo exercido pelos

'nortistas'. Soma-se a estes personagens o novo contingente de trabalhadores, rurais e urbanos, entre os quais inúmeros paraguaios que atravessaram a fronteira em busca de melhores oportunidades.²² Se os migrantes paraguaios estavam longe de satisfazer o sonho da entrada de "braços estrangeiros disciplinados para o trabalho", os trabalhadores urbanos nacionais, especialmente os empregados nas atividades portuárias, e mais tarde na ferrovia Noroeste do Brasil, trouxeram para a região as perigosas idéias de direitos sociais que assustavam as elites brasileiras.²³

Nos anos posteriores, o desenvolvimento da região sul ganharia contornos mais definidos com a exploração comercial de seus ervais nativos. Monopolizada pela Empresa Mate Laranjeira e Cia., a exportação da erva-mate tornou-se, e permaneceu por muito tempo, a atividade econômica de maior peso na balança comercial de Mato Grosso.²⁴ Ocupando uma extensa área, empregando milhares de trabalhadores paraguaios, mantidos em regime de superexploração, a Mate Laranjeira foi, além de um rentável negócio para o Tesouro estadual e motivo de violentos conflitos entre as elites locais, um importante fator de dinamização da ocupação e do desenvolvimento de sua região sul. Acrescenta-se a este quadro a chegada de expressivo contingente de migrantes, vindos do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Goiás na última década do

22. Cf. Lúcia Salsa Corrêa. *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*. São Paulo: FFLCH-USP, 1980, dissertação de mestrado.

23. Sobre as primeiras lutas e tentativas de organização dos trabalhadores urbanos em Mato Grosso ver Valmir Batista Corrêa. *O trabalhador rural e urbano na terra dos coronéis*. Corumbá, 1987 (mimeo.).

24. Cf. Fernando Tadeu de Miranda Borges. *Do extrativismo à pecuária: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso (1870 - 1939)*. Cuiabá, s/ed., 1991.

século passado, que penetraram na região atraídos pelas grandes extensões de terras e aí se fixaram implantando grandes fazendas ou sobrevivendo como pequenos proprietários na órbita da Mate Laranjeira.²⁵

Finalmente, como fator decisivo da consolidação econômica e demográfica da região Sul, destaca-se a construção da Ferrovia Noroeste do Brasil. Realizando a articulação entre Mato Grosso e o mercado das regiões mais desenvolvidas do país, em especial com São Paulo, a Noroeste impulsionou fortemente o fluxo migratório para esta região, permitiu a implantação de um importante pólo pecuário e de industrialização de seus derivados e o surgimento de vários municípios ao longo de seu traçado.

Na avaliação deste quadro, que se configurava como uma ameaça à longa tradição do domínio político, social e cultural do norte do Estado, os jornais cuiabanos expressavam, não raro, sentimentos de medo e angústia. Para alguns, o progresso da região Sul parecia anunciar, “com a força da fatalidade, com o impulso irresistível das leis naturais”, a decadência de Cuiabá e até mesmo a perda da sua condição de capital. Por ironia da história, parte desta ‘fatalidade’ era vista como resultado da construção de ferrovias em território matogrossense, transformando o já velho sonho dourado que embalara gerações de mato-grossenses em um amargo pesadelo:

Não é um perigo vão o que assinalamos, porque todos nós sentimos a aproximação bem próxima de acontecimentos talvez bem tristes para a nossa amada terra. As estradas de ferro, que vão em curto prazo percorrer o território mato-grossense, estendem-se ao longo do extremo norte (referência à Madeira-Mamoré) e do ex-

25. Cf. Virgílio Corrêa Filho. *A sombra dos ervais mato-grossenses*. São Paulo: Ed. Ltda., 1925.

tremo sul, constituindo duas poderosas artérias que hão de converter as linhas das nossas fronteiras em ponto de atração da atividade industrial, em centros talvez da vida econômica do Estado. A capital, colocada no meio dessas duas regiões que se revelam de tanto futuro, conserva-se até hoje a mesma que era há muitos anos, desfavorecida da natureza, em razão da pouca navegabilidade do rio, e abandonada dos homens por falta quase absoluta de vias de comunicação terrestre. E agora ver-se-á totalmente sacrificada perdendo uma parte dos elementos de vitalidade que têm animado e que naturalmente irão em busca das zonas para onde se volvem todos os olhares. O indiferentismo e a inércia diante de uma situação tão crítica não se justificam...²⁶

Vista como um 'perigo' latente, a decadência de Cuiabá, bem como de toda a zona norte, chegava a ser comparada a um *mal ainda pior que a varíola devastadora, que a revolução nefasta e destruidora*, episódios profundamente marcantes na história da cidade. A mudança do traçado da Noroeste do Brasil, deixando o norte do Estado de fora da sua trajetória, parecia uma injustiça a esta região, mais que qualquer outra necessitada de meios de comunicação e de apoio do governo federal para vencer a distância que a separava da civilização:

...este mal que nos avizinha temível, em atitude mais ameaçadora que os dois antecedentes, é a decadência de nossa Cuiabá. (...) o simples movimento nosso é insuficiente para sustentar a nossa hegemonia. O ser capital somente não nos impedirá a decadência que em breve estará entrando pelo mesmo porto por onde saíram o nosso progresso e a nossa vida. A bancarrota será fatal. O comércio que é a mola da prosperidade das nações e das cidades morrerá. Eis-nos, então, reduzidos a simples espectadores de uma cena triste, acabrunhadora

26. Jornal *O Cruzeiro*. Cuiabá, 30 - 01-1910, p. 1.

(...) É mister que nos empenhemos contra essa idéia. Não resta dúvida alguma que o Sul que também é nosso progredirá imensamente. Mas de que serve isso se tem de despir-se um santo para cobrir outro...? Nada mais é que suma injustiça quanto mais sendo o Sul uma zona que independente de qualquer auxílio [pelas suas riquezas naturais e maior proximidade com São Paulo] tem-se mantido e adiantado bastante, e não assim a zona norte, que, conquanto rica, não poderá viver sem o auxílio que a tem conservado, porque a sua topografia é muito inferior à outra, desprovida de meios fáceis de comunicação, completamente sem centros vizinhos que lhe enviem os reflexos do seu progresso, afinal — é um oásis na grande extensão árida do deserto.²⁷

Em resumo, o futuro nada animador projetado para a região norte do Estado e para a sua capital; a percepção de uma identidade estigmatizada pela barbárie; a dolorosa consciência do atraso de Mato Grosso em relação ao 'progresso e à civilização' de outros Estados brasileiros e da Europa; a exaltação da natureza como forma de compensar a carência de sinais mais evidentes de uma cultura civilizada e, ao mesmo tempo, como um passaporte para a modernidade, são representações que configuram, na perspectiva deste estudo, uma espécie de 'crise de identidade' na sociedade mato-grossense. Um momento crucial no qual se acentuam as incertezas, angústias e medos em relação ao futuro, e no qual, simultaneamente, são mobilizadas as energias intelectuais e afetivas que impulsionam a redefinição de sua identidade coletiva.²⁸

27. Idem, 16 - 04 - 1908, p. 1.

28. Entendida aqui no sentido utilizado por Michel Polack, que se refere às identidades coletivas como um conjunto de "investimentos coletivos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo — quer se trate da família ou nação — o sentimento

A identidade redefinida

O momento mais marcante do processo de constituição de uma identidade coletiva em Mato Grosso pode ser localizado entre os anos de 1918-1922, marcados por inúmeras manifestações político-culturais, cujo traço mais característico foi a exaltação da terra e do homem mato-grossense. Neste período, foram fundadas duas instituições que desempenhariam um papel fundamental neste processo: o Instituto Histórico de Mato Grosso (1919), destinado a preservar a memória e as tradições locais, e o Centro Mato-grossense de Letras (1921), voltado para o incentivo da produção literária sobre temas regionais. Destacam-se ainda, além da intensa produção dessas instituições sobre a história e a geografia da região, as comemorações do bicentenário da fundação de Cuiabá (1919), catalisadoras da maior parte destas manifestações; a criação de símbolos distintivos de sua identidade, como o hino e o brasão do Estado; o culto a heróis e grandes personagens, redescobertos ou alçados a essa condição.

Vistas em conjunto, essas manifestações são bastante representativas dos investimentos, mais ou menos conscientes, no sentido de refazer laços de solidariedade e de coesão social, fornecendo pontos de apoio simbólicos em torno dos quais se elaboram os elementos de uma identidade comum a todos os mato-grossenses e, simultaneamente, a identidade de um grupo social que vê a si próprio como herdeiro e guardião das mais autênticas tradições locais.

Um aspecto fundamental do conteúdo dessas manifestações se refere à origem do mato-grossense, ao passado de

de unidade, continuidade e coerência". M. Polack. 'Memória e identidade social', p. 207. *Estudos Históricos*, nº 10, Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 1992, pp. 200 - 212.

glórias e tradições que o redime da imagem de gente incivilizada e de 'gênio sanguinário'. Na primeira obra de peso sobre a história da região, intitulada *Mato Grosso*, Virgílio Correia Filho justifica sua necessidade com um veemente apelo ao orgulho dos mato-grossenses por descender da linhagem bandeirante, símbolo que marcaria todas as manifestações do período:

... muito nos importa conhecer o que fizeram nossos avós na luta sustentada em dois séculos com os mais díspares elementos. De tal linhagem não há motivo de nos envergonharmos de proceder. Antes nos sobejam razões para nos ufanarmos de descender dos sertanistas, que integraram a base física da nacionalidade brasileira, e dos continuadores, que lhes herdaram a impavidez sem par a que devemos o devassamento de nossos sertões.²⁹

No hino e no brasão de Mato Grosso, criados pelo bispo e presidente do Estado, D. Francisco de Aquino Correia, em 1918, é também marcante a referência à herança bandeirante.³⁰ A utilização deste símbolo era, neste momento, bastante forte em São Paulo, onde também estava em jogo a

29. Virgílio Corrêa Filho. *Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Brasília, 1939, p.VII. O lançamento da primeira edição em 1922 foi uma iniciativa do Instituto Histórico local em homenagem ao centenário da independência do Brasil, cujas comemorações ficaram a cargo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

30. No brasão foi estampado um braço armado que desfraldava uma bandeira na qual se via uma cruz da Ordem de Cristo, segundo D. Aquino: "Foi esse o braço forte que, lutando contra a natureza e o homem igualmente selvagens, inaugurou a nossa história, abrindo-nos definitivamente as portas da civilização [ele] é também a estirpe vigorosa donde brotaram, na profundeza imensa deste sertão, a família e a sociedade mato-grossense. Mato Grosso, que marcou assim o supremo esforço dos bandeirantes paulistas (...), não poderia esquecer a inclita memória daqueles heróis". *Ata da Sexagésima Quarta Sessão Extraordinária da Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso*, p. 190.

elaboração de uma identidade coletiva. Os mato-grossenses contaram, assim, com a providencial ajuda dos intelectuais paulistas que se dedicavam à memória e história do bandeirantismo.³¹ Ser herdeiro do sangue e das tradições bandeirantes não apenas redimia a imagem negativa do mato-grossense, conectando-o com um passado épico da história da nação, como também assegurava a Mato Grosso, no futuro, a mesma grandeza de São Paulo, cujo progresso e civilização eram atribuídos às qualidades raciais de seu povo, descendente direto dos bandeirantes.

Não por acaso, Cândido Rondon, louvado como desbravador de sertões e semeador de civilização em seus desertos, passaria a ocupar um lugar especial na galeria dos grandes heróis mato-grossenses. Sua figura simbolizava, simultaneamente, a tradição (era o exemplar mais perfeito da raça bandeirante em Mato Grosso) e o progresso (representado pelas Linhas Telegráficas que implantara e pelo seu trabalho em prol da 'civilização' dos indígenas), duas faces da mesma moeda em que se cunhava a marca da identidade regional — o passado e o futuro que deveriam irmanar todos os mato-grossenses.³²

31. Sobre o símbolo bandeirante como base da identidade paulista ver Kátia M. Abud. *O sangue intomato e as nobilíssimas tradições (A construção de um símbolo paulista: o bandeirante)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1985, tese de doutoramento; Maria Isaura P. de Queiroz. 'Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário'. *Revista USP*. São Paulo: Edusp, n° 13, 1992, pp. 79 -85; Mônica Pimenta Velloso 'A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista'. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, n° 11, 1993, pp. 89 - 112.

32. A figura de Rondon já vinha sendo festejada pelos mato-grossenses desde o início deste século, quando ele passou a dirigir os trabalhos da Comissão das Linhas Telegráficas e Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas. O articulista 'J. Terra' (pseudônimo de Cesário Prado, membro do Instituto Histórico local) resumiu as razões de sua eleição como o exemplar mais elevado da



Certamente, na medida em que estamos falando de uma sociedade marcada por profundas contradições sociais e diferenças étnicas, e na qual as oposições no seio da classe dominante são quase permanentes e tomam a forma de violentos conflitos armados, a compreensão do processo de construção da sua identidade terá que considerar esses componentes como fundamentais. De caráter ideológico, e vinculado à problemática do poder e do exercício da hegemonia, este processo deve ser referido à esfera da política, da busca da coesão social, capaz de assegurar a continuidade da reprodução das condições de dominação de um determinado grupo social.³³

Segundo esta ótica, torna-se fundamental focalizar mais de perto os atores que intervêm no processo de elaboração da identidade regional. Coube aos intelectuais, vistos aqui como produtores de bens simbólicos, envolvidos direta ou indireta-

raça mato-grossense: "... o padrão do homem completo, digno de nossa escolha como o excelente conjunto de qualidades imprescindíveis ao triunfo de nossa raça, é Cândido Mariano, como homem que fisicamente se tornou superior às adversidades do meio regional e intelectualmente tornou-se habilitado a dotar as regiões que perlustra com os elementos civilizadores que reclamam. (...) é o homem capaz de lutar contra as forças cegas e brutais da nossa natureza inculta, (...) pela sua resistência física, e ao mesmo tempo, intelectualmente apto para tomar assento numa assembleia douda, para discutir e solucionar problemas da vida mato-grossense". *Jornal O Matto-Grosso*. Cuiabá, 13 - 04 - 1919, p. 2. Na construção do mito de Rondon como herói civilizador, os intelectuais mato-grossenses somaram-se a um grupo variado de atores sociais, espalhados por todo país, entre os quais se incluem os índios paresi que trabalharam nas linhas telegráficas. Uma instigante e surpreendente análise da construção do mito rondoniano, a partir da representação destes índios, e do significado da Comissão das Linhas Estratégicas e Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas, pode ser vista em M. Fátima Roberto Machado. *Índios de Rondon. Rondon e as Linhas Telegráficas na visão dos sobreviventes Waimare e Kaxiniti, grupos paresi*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Museu Nacional, 1994, tese de doutorado.

33. Ver Michel Polack, op. cit., p. 212.

mente no jogo político local, um papel de destaque na elaboração dos elementos distintivos do 'ser mato-grossense'. A maior parte desta 'elite', como a eles se referiam os jornais locais, tinha laços de parentesco ou compadrio com as famílias abastadas da região norte de Mato Grosso — principalmente da capital, Cuiabá, e de cidades menores como Chapada dos Guimarães, Diamantino, Cáceres e Poconé, entre outras — onde deitavam raízes os troncos familiares mais antigos do Estado. Estas famílias tradicionais constituem a base da classe dominante local que, pelo menos até a Guerra do Paraguai, se concentra nessa região. Seu domínio político e cultural repousa sobre as fortunas amealhadas nos setores rural e urbano da economia regional, e seu prestígio advém da participação no aparato jurídico-político, militar e eclesiástico da capitania e depois província de Mato Grosso.

Nas representações da identidade regional, os 'nortistas' ou cuiabanos, descendentes dessas famílias, cujas genealogias e histórias vão ser recuperadas, ocupam um lugar destacado. São vistos como descendentes de uma 'estirpe cuiabana', herdeira do sangue bandeirante, que começa a se formar nos primeiros anos da colonização de Mato Grosso, e da qual conservam as qualidades raciais, dada a peculiar evolução da capitania, marcada pelo 'isolamento' em que se mantivera por quase dois séculos. Virgílio Corrêa Filho, no prefácio de sua obra intitulada *Monografias cuiabanas*, sintetiza primorosamente esta idéia:

Outrora, desenvolveu-se-lhe a evolução em ambiente diverso segregado do resto do Brasil, como sucederia a uma colônia remota. Povoaram-no, de começo, os bandeirantes em maioria paulistas; mas em breve, do contúbio daqueles tipos dispare, de vária procedência, que a ambição do ouro ajuntava, gerou-se a nova estirpe dos 'cuiabanos', que invadiu a história. Foram eles os obreiros máximos do desenvolvimento da capitania,

que por toda parte recebia o influxo do seu esforço. Avantajou-se-lhes de tal forma o prestígio, que sombreou qualquer referência aos demais conterrâneos, assimilados à sua grei.³⁴

Os intelectuais que se identificam com esta acepção do que seja o cuiabano, filhos daquelas famílias tradicionais, ou enredados em suas teias de compadrio e favor, são justamente os atores decisivos do processo de elaboração da identidade regional. Em suas manifestações, ecoam o temor e o desconforto diante das repercussões que poderiam advir para o norte do Estado em decorrência das mudanças econômicas e sociais que ganhavam corpo no sul. Justificando o título da obra acima citada, Virgílio Corrêa Filho reforça o imaginário sobre o incerto futuro da região norte, que vinha sendo construído desde o início deste século:

O agressivo do título desta série de monografias, restritamente bairrista na aparência, justifica-se pela sua finalidade. Mais do que nenhum outro Estado brasileiro, Mato Grosso atravessa na atualidade aguda fase de transformação, que lhe poderá alterar de todo os traços de seu organismo social. (...) Com essa componente evolutiva [a dos cuiabanos], que sobrepujava todas as demais, já entraram a concorrer outras, de intensidade crescente, à proporção do povoamento facilitado pela abertura do tráfego da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, e que irão influenciando cada vez mais na resultante geral.³⁵

Na perspectiva deste trabalho, em suas representações sobre a sociedade local, esses intelectuais traduzem o drama da tradicional elite nortista, assustada diante dos sinais de es-

34. Virgílio Corrêa Filho. *Monografias cuiabanas — questões de ensino*. São Paulo: Cia. Gráfica Monteiro Lobato, 1925, p. 6.

35. *Idem*, p. 7.

tagnação do seu espaço de reprodução social, evidenciado não só pelas transformações demográficas e sociais que animavam o Centro-Sul do país, mas sobretudo a região sul de Mato Grosso, onde novas forças econômicas e sociais passavam a questionar seu tradicional domínio político. Ressalte-se como uma componente fundamental deste drama as dissensões internas a este grupo social, mal resolvidas e antropofágicos conflitos, que devoravam suas próprias lideranças e resultavam em rupturas de antigas lealdades.

É nesse contexto que se pode compreender as manifestações político-culturais que ganham grande impulso em Mato Grosso, no final da década de 1910. Indissociáveis das transformações econômicas e sociais que estão ocorrendo na sociedade mato-grossense, as representações da identidade regional³⁶ — centrada na elaboração de uma imagem do lugar e do conjunto de sua gente — são solidárias à recomposição da identidade de um grupo social, a tradicional elite sediada no norte do Estado, que se esforça não só para se livrar do estigma da barbárie, mas, sobretudo, para assegurar sua coesão interna e dar continuidade a seu domínio político e cultural.

36. Sobre esta problemática ver as análises de Pierre Bourdieu. Para este autor, só se pode compreender “esta forma particular de luta das classificações, que é a luta pela definição da identidade ‘regional’ e ‘étnica’, com a condição de (...) romper com as pré-noções da sociologia espontânea, entre a representação e a realidade, e com a condição de se incluir no real a representação do real, ou, mais exatamente, no sentido de imagens mentais e também de manifestações sociais destinadas a manipular as imagens mentais.” P. Bourdieu. *O Poder Simbólico*. Lisboa, Rio de Janeiro: DIFEL, Ed. Bertrand Brasil S.A., 1989, p. 113.

Referências bibliográficas

Abreu, Capistrano de

1982 *Capítulos de história colonial: 1500-1800 e Caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Abud, Kátia Maria

1985 *O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições (a construção de um símbolo paulista: o bandeirante)*. São Paulo: FFLCH-USP (tese de doutoramento)

Aníbal, Amorim

1917 *Viagens pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier.

Arinos, Affonso

1981 *Pelo sertão*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda.

Barreto, Dantas

1907 *Expedição a Mato Grosso, a revolução de 1906*. Rio de Janeiro/São Paulo: Lammert e Cia. Editores.

Borges, Fernando Tadeu M.

1991 *Do extrativismo à pecuária: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso (1870-1930)*. Cuiabá, s/ed.

Bosi, Alfredo

1992 *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix.

Bourdieu, Pierre

1989 *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A.

Cardoso Júnior, Francisco José

1873 *Relatório apresentado à Assembléia Legislativa de Matto-Grosso no dia 4-10-1872*. Rio de Janeiro: Typographia do Apóstolo.

Castro, Maria Inês Malta

1992 *O preço do progresso: a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil*. Campinas: IFCH-Unicamp (dissertação de mestrado).

Catro, Maria Inês Malta e Galetti, Lylia da S. Guedes

1994 'Histórico dos usos da biodiversidade em Mato Grosso'. Em Carlos F. de Abreu Castro. Diagnóstico do setor florestal em Mato Grosso. Brasília: Ibama/Itto (mimeo.).

Celso, Affonso

1908 *Por que me ufano do meu país*. Rio de Janeiro: Laemmert.

Corrêa Filho, Virgílio

1925 *À sombra dos ervais mato-grossenses*. São Paulo: Editora Ltda.

1939 *Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Brasília.

1925 *Monografias cuiabanas — questões de ensino*. São Paulo: Cia. Gráfica Monteiro Lobato.

Corrêa, Lúcia Salsa

1980 *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*. São Paulo: FELCH-USP (dissertação de mestrado).

Corrêa, Valmir Batista

1987 *O trabalhador rural e urbano na terra dos coronéis*. Corumbá (mimeo).

Cunha, Euclides da

1950 *Os Sertões* (Campanha de Canudos). Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves/Editora Paulo Azevedo Ltda.

Fonseca, Ana Maria Medeiros da

1992 *Das raças à família: um debate sobre a construção da nação*. Campinas: IFCH-Unicamp (dissertação de mestrado).

Fonseca, João Severiano da

1986 *Viagem ao redor do Brasil: 1875-1878*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.

Galetti, Lylia da S. Guedes

1991 *As representações sobre a fronteira do movimento de ocupação e colonização de Mato Grosso*. Cuiabá, mimeo.

Lima, Luís Costa

1984 *O controle do imaginário - razão e imaginário no Ocidente*. São Paulo: Brasiliense.

Maldi, Denise

1993 *Pantanaís, planícies e sertões: uma reflexão antropológica sobre espaços brasileiros*. Cuiabá, mimeo.

Marques, A.

1923 *Mato Grosso: seus recursos naturais, seu futuro econômico*. Rio de Janeiro: Papelaria Americana.

Moutinho, Joaquim Ferreira

1869 *Notícia sobre a província de Matto Grosso, seguida d'um roteiro da viagem de sua capital a São Paulo*. São Paulo: Typographia de Henrique Schoeder.

Ortiz, Renato

1985 *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense.

Polack, Michel

1992 'Memória e identidade social'. *Estudos Históricos*, nº 10. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil.

1989 'Memória, esquecimento, silêncio'. *Estudos Históricos*, nº 3. Rio de Janeiro: Vértice.

Queiroz, Maria Isaura Pereira de

1992 'Ufanismo Paulista: vicissitudes de um imaginário'. *Revista USP*, nº 13. São Paulo: Edusp.

Roberto, Maria Fátima Machado

1994 *Índios de Rondon. Rondon e as Linhas Telegráficas na visão dos sobreviventes Waimaré e Kaxi-*

niti, grupos Paresi. Rio de Janeiro: UFRJ / Museu Nacional (tese de doutorado).

Schwarcz, Lília M.

1993 *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras.

Skidomre, Thomas E.

1976 *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Steinen, Karl von den

1942 *O Brasil Central*. São Paulo: Cia. Editora Nacional.

Velloso, Mônica Pimenta

1993 'A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista'. *Estudos Históricos*, nº 11. Rio de Janeiro: FGV.

Ventura, Roberto

1991 *Estilo tropical*. São Paulo: Cia das Letras.

Villa-Maria Baronesa de

1890 *A extinta província de Mato Grosso poderá por si só constituir-se Estado?* Rio de Janeiro: s/ed.